

Elvira Vigna

Por Escrito

O motorista é de lá, conhece bem o lugar. A vila dos quilombolas.

Eu já tinha explicado antes.

"Fica entre o antigo quilombo e a fazenda Pedra do Conde."

Ele não conhece a Pedra do Conde. Conhece todas as fazendas produtoras de café. Mas não a Pedra do Conde. A Pedra do Conde não produz. Nem café nem, como vou descobrir, nada. Então não existe. Mas a informação de que o lugar que quero fica na divisa dos quilombolas parece ser suficiente.

Então, por esses instantes iniciais, há um maravilhoso silêncio.

E chegamos.

As casas já de alvenaria. Os negros já não muito negros, parados, que nos olham. O motorista conhece a região. Disse que conhece, inclusive, uma pessoa de lá, da área dos quilombolas, e que chamou essa pessoa para nos acompanhar.

Agora ele vai falando. Se animou. Vai falando sem parar. A presença de negros proprietários de terra o obriga a demonstrar, para mim e para ele mesmo, que ele também existe e que é um porreta, ainda que não proprietário de terra alguma. Mas branco.

Diz que os quilombolas ganharam posse da terra há pouco tempo, coisa de dois, três anos. E que, a partir dessa data, começaram a construir nos terrenos agora seus por lei. De fato.

Pela janela, vejo que atrás de construções novas, algumas ainda inacabadas, há os casebres antigos de pau-a-pique. Não derrubaram. Constroem sem derrubar o que existia. Gosto deles, gosto disso. Mas o motorista fala.

Explica o que não sabe, o que não entende, mas que precisa explicar.

"Pra quê, né, derrubar o que vai cair de qualquer modo, há, há."

Para quê, né, fazer algum movimento, algum esforço para o que acontecerá de qualquer maneira.

Para quê, né, estou ali se já sei que tudo que vem dali vai acabar, aliás, está acabando, de qualquer maneira.

"É da índole."

E, acrescenta, agora conciliador:

"De qualquer modo, enquanto não caem, os casebres sempre servem pra guardar alguma tralha, né, há, há."

Não digo da possibilidade de uma dor incurável por trás do que aparenta ser apenas prático. Não digo que de repente, mesmo derrubados, os casebres continuariam lá, fantasmas, então, melhor mesmo que fiquem. Já sei, nesse dia que às vezes é melhor deixar presente o que não sumiria de qualquer jeito. Que ficam melhor, lá, no meio da sala, as coisas. Para que sejam lavadas, todos os dias, vinte e quatro horas por dia, com o olhar de quem passa, dia após dia, retratos que são. E que é esse, de repente, o único jeito de esmaecê-los.

Olho para as pessoas paradas, em frente às casas, nas janelas. Antes, na época da Pedra do Conde, seriam safristas. Iriam, em grupos, sem se misturar com os outros, ganhar o pouco dinheiro possível, todo mês de maio. Trabalhavam, e muito.

Eu é que peço.

"Mais devagar."

Do contrário, o motorista passaria direto no asfalto esburacado, vagabundo, que não resiste às chuvas e que é remendado todo ano. E eu não os veria, um por um, os braços cruzados, os cotovelos no peitoril das janelas. Só existindo, eles. Me olhando sem se mexer, a presença, eles, de um Pedro futuro, migalhinhas jogadas em um início de mundo, para uma conversa futura que nunca iria acontecer. Entre mim e eles, entre Pedro e mim.

E que talvez, justamente, não seja necessária. Não mais.

À direita, uma entrada.

"Entra aqui."

Ele resiste.

"Mas não é passando os quilombolas?"

"É, mas dá uma entrada, só assim."

Ele entra.

Depois seguimos até outro ajuntamento de casas, para pegar a moça, a que ele conhece e que viveu em uma chácara bem na divisa do quilombo. O motorista fala.

E fala.

Que, quando menino, andava por aquilo ali tudo, ele e sua espingardinha de chumbo. Biguá, cambaxirra, viuvinha, tiê-de-topete, tiê-preto, curicaca, rolinha-caldo-de-feijão, graveteiro, macuquinho e macuquinho-de-colar, juruviara. E continua uma lista de nomes de passarinhos que não sei mais se são esses, os nomes bonitos que guardo, e que repito às vezes, andando pelas ruas, sentada em cafés ou sarjetas, e que repito só porque gosto, catuí, acaiá, icatú, só sons, nem mais nomes.

Ele os matava, todos.

"O bernal vinha cheio."

Depois sumiram, os passarinhos. Ele não faz, em momento algum, a ligação entre o sumiço dos passarinhos e a matança dos passarinhos.

O caminho até o local que quero visitar é ruim e difícil. Estradinhas, picadas a bem dizer. A moça conhecida do motorista sobe no carro. Ela sabe. É prima da fulana, a irmã de criação da sicrana. É quem vai lá varrer de vez em quando, ele diz, se virando pra trás, só uma mão no volante, o risco do gesto e a varrida ocasional do olho devendo ser o suficiente para me impressionar, me convencer da autenticidade da pessoa em questão, uma mulher que mal me cumprimenta ao entrar, ágil, no banco do carona. Depois de uma curva, ela manda o carro virar. A estrada é ainda pior que a anterior, o que eu acreditava impossível. Caímos no buraco, desviamos do lamaçal, chegamos no cajueiro.

É lá.

É um cajueiro, o meu destino. Em volta, nada. Eu devia ter adivinhado.

No caminho, Cris - o nome é Cris - não fala nada, além do é aqui, dobra ali. Mas, perguntada, diz que acha bem bonito os feios e novos moinhos de vento, brancos, quixotescos, a gerar energia eólica ao longe, em meio a um canavial. A cana, substituindo a cada ano mais, o café. Os moinhos, um futuro que se instala antes de existir de verdade. Igual a esse passado trazido por Cris através de buracos, lamaçais e cajueiros e que eu também instalo. Na esperança de que exista de verdade.

Paramos o carro, o resto é a pé. O motorista, um alívio, nos comunica que esperará no carro.

A chácara, que fica depois de uma descida em curva espantosamente curta para quem não a adivinhava há apenas uns passos, é quase uma ruína.

Fica no exato limite entre a Pedra do Conde e os quilombolas?

Sim.

Cris confirma, segura. E ela chegou a morar lá bem por uns doze anos, diz. Desistiu faz pouco. Não é mais como ela gostava.

Mostra onde se sentava para olhar o nada.

Mostra o lugar vazio onde costumava haver uma mesinha. Ela usou o verbo pôr. Ela punha a mesa. A mesinha ficava lá, mas em uma determinada hora do dia, ela punha a mesa. Ela punha toalha, o bule de café já com açúcar, os copos. Eu quase vejo. A mesa, o café, as duas cadeiras. Ela e a madrinha. Depois, a madrinha morre. Diz uns nomes e me olha de esquelha, um medo que eu conheça, um medo que eu roube nomes que são só dela. Digo que não conheço. E não conheço.

Tinha uma horta, galinhas. E aponta num gesto largo para o universo inteiro.

"Tinha tudo."

Quase chora. Mostra os dois tanques de concreto. Os tanques estão cheios de água, com um cano grosso e grosseiro de tão branco, a ligá-los. Um cano novo. É a única coisa branca e nova em meio às paredes manchadas de mofo, a sujeira no chão de cimento, a cerca de moirões finos e tortos, perdidos no meio do mato, um mato igual de ambos os lados da cerca, sem diferença.

O cano traz a água da chuva que escorre do telhado. A primeira chuva lava a telha, ela explica. Da segunda em diante, a água é dirigida para os dois tanques. É a única água. Não há poço. Diz que uma vez suas sobrinhas, ainda crianças, querem fazer o que faço. Conhecer aquele lugar.

E ali, ela mostra, apontando para o nada, havia um buraco muito grande. Foi onde cavaram a terra arenosa para virar o cimento da construção da casa. Isso faz tempo. Antes era pau-a-pique, igual às dos quilombolas.

"O buraco era ali e era mesmo muito grande."

As duas crianças gostam de brincar no buraco de areia. E alguém perguntou, perto delas, quanto seria o valor da casa. E elas responderam que só podia ser muito dinheiro, já que havia aquele buraco, que era tão grande e tão bom.

Rimos. É bom rir. Eu e ela rindo, tanto riso que dá para desculpar a lágrima que escorre. Mas guardo comigo a pergunta não formulada. Quanto valerá a casa.

Não sei se aquela era a chácara que foi da família de Molly. Pode ser que sim. Ou não. Tanto faz para mim. Tanto faz hoje e tanto fez naquela dia. Se não fosse aquela, seria outra, igual àquela. Se não é a mesma, serviu eu imaginar que fosse.

Porque tanto fazia.

E não só porque não essa, mas outra igual. Mas porque tudo aquilo estava mesmo acabado e era disso o que eu queria me certificar. Não que existia. Mas que, justamente, não mais existia.

Ficamos um pouco de pé do lado de fora da casa quase em ruínas. Não podemos entrar. Ela diz que está sem a chave. E vem uma história comprida a respeito da chave. Faço hum, hum, aceitando. Entendo. Quer com certeza defender, frente a essa mulher (eu) que vem da cidade grande, uma privacidade de teto sem forro, fogão velho a gás de bujão em desuso desde sempre, lenha sendo mais barato e tão mais fácil. Só ir até ali, e cortar.

Falamos mais, de pé na frente da casa fechada.

Falamos da praga no jambeiro. O jambeiro que está ao lado do cajueiro, que fica ao lado do portão. O portão, aberto há tanto tempo que sua madeira já se enfiou na lama e de lá brota em um novo começo burro.

(Como os meus.)

Não falamos dos pés de café, selvagens, que ainda vemos por lá, mesmo sem querer vê-los.

Ficamos de pé ali. Há um som de rádio que vem da casa vizinha. O terreno original da chácara, já nem tão grande, foi desmembrado e cedido em parte. Daí o vizinho tão próximo. Em troca, Cris combina que ganharia deles umas galinhas, umas verduras. Mas a casa do novo vizinho fica mais perto do que ela gostaria. Não consegue mais se sentar à mesa, com um café, a cadeira virada para o mato. Uma só, agora. Não consegue mais ficar lá, escutando o nada. E vai embora.

Está ali só para me mostrar. Não vinha fazia tempo.

Logo quando o carro estaciona embaixo do cajueiro, há um cachorro que vem nos ver e que depois some. Ela diz já o ter visto por ali outras vezes, quando às vezes, e já faz tempo, vem olhar a casa fechada, vazia, o mato quase apagando o portão. Acho que depois que ela fala, se arrepende. Acho que nota que, ao falar do cachorro, se trai. Ao falar do cachorro, fala que vai lá sempre. Que fica em pé sempre, ao lado do portão que brota do chão, a olhar o buraco de areia que não está mais lá. A mesa do café ausente. A risada das sobrinhas quando crianças. A madrinha.

Enquanto lá ficamos, de pé, a casa fechada, o carro torto embaixo do cajueiro, o cachorro não aparece. Só reaparece quando já batemos outra vez a porta, o motor iniciando o ronco.

A casa é roubada uma vez, ela diz. Um aparentado de um dos vizinhos dali de perto. Leva o bujão de gás, uns mantimentos enlatados. Usa quase toda a água dos tanques, o roubo acontece na estação da seca.

E leva uns panos. De mesa, de cama.

Depois ele é preso, por outro roubo. Ela é chamada à delegacia para reconhecer os panos. É um domingo à tarde. O ladrão não tinha almoçado. Ela sai, compra uma quentinha, leva. É a única vez que a casa é roubada. Depois disso, o cara já solto, nunca mais.

Ela tem um rosto duro, marcado, e uma gentileza na voz. Nunca se casou, me responde. Sequer namorado. Então, durante todo esse dia, mantivemos essa distância. Nossas vidas particulares, tão diferentes e, ao mesmo tempo, tão compreensíveis por uma e outra. A dela por mim, e a minha, caso eu a contasse, por ela. Mas mantivemos essa distância, nossas vidas polidamente excluídas da conversa, de comum e tácito acordo. Tento falar de Molly um pouco. Mas ela não conheceu Molly. Molly foi embora dali há muito tempo, ela nem era nascida. Acha que ouviu falar, mas não tem certeza.

Deixo meu endereço, e-mail, telefone. Não sei a situação jurídica da propriedade. Sequer se é de fato a casa que foi do pai de Molly. Mas digo que, caso seja, e ela, Cris, queira regularizar ou precise regularizar alguma coisa, é só falar. Eu volto. Assino o que for. O motorista deixa Cris na sua casinha da vila. Nada no seu rosto muda. Está igual como quando a pegamos na ida. Agora tem meu cartão na mão. Mas o rosto não muda em nada. Não é importante, o passeio até a chácara. Ela não deixa que seja.

Eu não tinha muito a oferecer, muito para contar. Percebo nessa hora que sei muito pouco de Molly. Sei que o pai de Molly tinha uma vaca. O que sobrava do leite e do queijo cru feito em uma forma de alumínio amassada, ele jogava fora. Não havia eletricidade. Portanto, não havia refrigeração. Estragariam em um único dia, com o calor do lugar. Depois a Pedra do Conde conseguiu que a fiação e os postes fossem até a porteira. Passavam pela chácara. A família de Molly começa a poder vender o leite e o queijo que sobram.

Molly foi a única a estudar. Os irmãos, homens, não estudaram. Ficavam na lavoura. Molly estudou até a terceira série.

O que eu teria para contar é que um dia o ônibus escolar atrasou. O ponto em que Molly saltava era o mesmo que os filhos dos empregados regulares da Pedra do Conde também usavam. De lá até a chácara, havia uma lapa do cafezal. Os filhos dos empregados regulares iam para um lado. Ela ia para o outro. Seu pai ou um irmão esperavam sempre por ela, na volta da escola. Voltavam juntos. Um da lavoura, ela da escola. Aí um dia o ônibus atrasou. Quebrou no caminho. Quando ela chegou no ponto já era noite fechada. E não havia ninguém a esperá-la. Ela foi. Atravessou o cafezal sozinha, batendo palmas com as mãos esticadas na frente do corpo. Cobra vai embora quando sabe que tem gente. É o bicho mais pacífico que tem. Só ataca quando acha que está em perigo. Onça não. Onça é diferente. Mas Molly achou melhor pensar só na cobra. Atravessou. Chegou em casa. Todos já na mesa.

"Oi."

"Oi."

Nem levantaram a cara do prato. Nada de fora do comum. Nada de extraordinário. Então, ela também achou que não havia nada de extraordinário. Lavou as mãos. Sentou, comeu.

É o que Cris teria feito.

O motorista me leva de volta ao hotel. Tem um sol estúpido na manhã já alta. Digo para ele me deixar na barraca de praia em frente. Peço uma moqueca. Em meio às moscas. A moqueca demora. O vento nas palmeiras, constante, fica mais forte, a música em staccato. Mudo de cadeira para ficar de frente para o vento, para o cabelo não bater na minha cara, não me fazer cócegas, não me lembrar que existo.

Fica bom, o vento na minha cara. Muito bom. Quando abro os olhos, vejo que o vento também faz bem para o quesito moscas. Somem. A moqueca é boa. Não ótima. Mas boa. Uma pena não ter pimenta. Minha vontade é encher de pimenta. Até sair pelos olhos, até os olhos chorarem: pimenta.

De volta ao hotel, encontro o resto do grupo aflito à minha procura. Tem um almoço que já estava programado. O grupo todo, o restaurante ótimo. Me desculpo. Já comi.

"Cedo, hein!"

"Pois é."

Levantei cedo, fiquei com fome cedo. Uma explicação. Nem sempre tenho.

Perguntam se pelo menos o jantar está de pé. Digo que não. Que vou comer no hotel mesmo. Cansaço, sabe. Recomendo a eles a comida do hotel. Frango grelhado. Meu usual frango grelhado de sempre, quando meu sanduíche amassado acaba. Uma das pessoas do grupo, uma mulher que também vem de São Paulo, responde que não come frango comum, desses que servem em hotéis como o nosso. Só come frango caipira. Olho para a cara dela. Com certeza ela acha que o frango que frequenta esse fim de

mundo é cosmopolita, descolado, metrossexual e vai a baladas todas as noites. E ela só gosta de frango caipira.

De tarde vou fotografar, perguntar, falar, apertar mãos. Todas as que houver.

No dia seguinte, o último na cidade, vou precisar da manhã só para mim.

Vou na casinha baixa que o motorista me apontou na chegada e onde estão os documentos da localidade. Cartório.

Não preciso me estender em explicações com quem me atende.

"Th, aquilo foi uma brigalhada, uma sangueira."

A Pedra do Conde, a um e a dois, foi dividida mais ainda, entre os herdeiros legítimos e mais os que apareceram por aí.

"De vez em quando ainda aparece um."

Ri.

O cara, o dono, morreu bobamente, em uma briga de porta de bar. Ofendeu um quilombola. Chamou-o de negro sujo sem nem ter sido provocado.

Ele teria detestado Pedro. Viado. Eu, eu acho que ele não teria a chance de detestar. Eu não daria essa chance.

Quanto ao DNA, não vou posar de magnânima. Na época de Molly nem existia. Na época em que fiz essa viagem, já. Molly tinha muito medo disso. Muito medo que eu quisesse isso. Não quis. Exumação de cadáveres, advogados, eu brigando por uma vida que não era a minha. Não quis. Nunca quis. Eu, e o reconhecimento legal, o cara assumido como meu pai.

"Oi, papai."

Não. Não mesmo.

Voltei. Nunca contei isso para ninguém. Por um tempo ainda esperei que Cris fizesse contato. Teria gostado de tornar a falar com ela, gostei tanto dela. Achei que eu queria tomar um café com bastante açúcar ao lado dela, as duas cadeiras viradas em uma

mesma direção, quatro olhos ao longe olhando o nada de qualquer lugar, qualquer cidade.

Ao ver Molly, pouco depois dessa viagem, seus olhos me examinaram, furtivos, em um tudo bem interrogativo. Seria o tudo bem de sempre, de todas as viagens, não fossem os olhos. Respondi o usual tudo bem. E fiquei com a sensação, que ela às vezes me dava, de que ela sabia onde eu tinha estado. E que meu tudo bem de resposta era um alívio. Não queria escutar. Nunca quis. Mas sabia.

By writing (excerpt)

Trad. David Lehmann

The driver is from those parts, he knows the place well. The quilombolas(*) village. I had already explained before.

"It's between the old quilombo and the Pedra do Conde farm."

He doesn't know Pedra do Conde. He knows all the farms that grow coffee. But not Pedra do Conde. Pedra do Conde produces nothing. Not coffee nor, as I'll discover, anything else. So it doesn't exist. But the information that the place I'm looking for is at the border of the quilombolas seems to suffice.

So, during these initial moments, there is wonderful silence.

And then we arrive.

The houses are already made of masonry. The blacks aren't so black anymore, and they're standing still, looking at us. The driver knows the area. He even said he knows

someone from there, from the quilombolas area, and that he invited this person to accompany us.

Now he's talking. He cheered up. He's talking nonstop. The presence of blacks who own land forces him to demonstrate, to me and to himself, that he also exists and that he's important, even if he doesn't own any property.

He says that the quilombolas gained possession of the land a little while ago, something like two, three years. And that, after this date, they started building on the lands they now own under the law.

Indeed.

Through the window, I see that behind new houses, some unfinished, there are old hovels on stilts. They didn't tear them down. They build the new one without tearing down the old. I like them, I like this. But the driver is talking.

He explains something he doesn't know, something he doesn't understand, but he needs to explain it anyway.

"Why demolish what is going to fall anyway on its own, ha ha"

Why indeed, why do something, make an effort for something that will end up happening anyway.

Why am I here, if I already know that everything that comes from here will end anyway, is in fact ending.

"It is part of their nature. They are lazy."

And then he adds, in a conciliatory tone:

"Anyway, while they don't fall, the hovels can always be used to store some crap, right?, ha ha."

I don't mention the possibility of an incurable pain behind the apparently practicality. I don't mention that maybe, even if demolished, the hovels would still be there, like ghosts, so it's better to keep them. I already know, on that day, that sometimes it's better

to keep around what wouldn't go away anyway. That these things are better left there, in the middle of the room. So they can be washed, every day, twenty-four hours a day, by the stares of everybody, day after day, as portraits that they are. And that maybe that's the only way to make them slowly vanish.

I look at the people standing still, in front of the houses, at the windows. Before, on the days of Pedra do Conde, they would be crop workers. They would go, in groups, without mixing with the others, to earn the small amount of possible cash, each May. They worked, a lot.

I'm the one that asks.

"Slower."

Otherwise, the driver would go straight over the low-quality tarmac, full of holes, which is unable to handle the rains and is repatched every year. And I wouldn't see them, one by one, arms crossed, elbows on the window sills. Just existing, they are. Staring at me without moving, clawing at me without moving, they are like Pedro, crumbs tossed in the beginning of a world, for a future conversation that would never happen. Between them and me, between Pedro and me.

A conversation that maybe, all things considered, is not necessary. Not anymore.

At the right, an entrance.

"Turn here."

He resists.

"But isn't it after the quilombolas?"

"Yes, but go in anyway".

He does.

Then we proceed to another group of houses, to pick up the girl, the one he knows that lived in a farmhouse right at the border of the quilombo. The driver talks.

And talks.

He talks about when he was a boy, walking around all these places, him and his little lead pellet rifle.

Biguá, cambaxirra, viuvinha, tiê-de-topete, tiê-preto, curicaca, rolinha-caldo-de-feijão, graveteiro, macuquinho and macuquinho-de-colar, juruviara. And he keeps rambling, reciting a list of bird names that I'm not sure are named like that anymore. The cute names I keep, and repeat them sometimes, walking on the streets, sitting on coffee shops or sidewalks. I repeat them just because I like them, catuí, acaíá, icatú, just sounds, not even names anymore.

He killed them all.

"The bag came back full."

Then they were gone, the birds. He doesn't make the link, at any time, between the slaughter of birds and the disappearance of birds.

The path to the place I want to visit is rough and difficult. More like trails cut through the woods. The driver's acquaintance gets in the car. She knows. She's a cousin of someone, was raised together with someone else. She's the one who goes there to sweep once in a while, he says, turning back, just one hand on the wheel, thinking the risk in this gesture and the occasional sweep of the eye are enough to impress me, convince me of the authenticity of that person, a woman he barely says hi to when she hops in, agile, to the front passenger seat.

After a curve, she tells him to turn. The road is even worse than before, and I thought that would be impossible. We fell in a hole, we went around the mud, we arrived at the cashew tree.

It's there.

My destination is a cashew tree. Nothing around it. I should have guessed.

On the way Cris – her name is Cris – doesn't talk at all, besides it's here, turn there. But when prompted, she says she likes the new windmills, which are ugly, white, something

from Dom Quixote, generating wind energy at a distance, in the middle of a sugar cane plantation. Sugarcane is each year replacing more coffee trees. The mills, a future that carves its space before it really exists. Just like this past brought by Cris through holes, mud and cashew trees, which I also carve out. In the hope that it really exists.

We stopped the car, the rest would be on foot. The driver, what a relief, tells us he'll wait for us inside the car.

The farmhouse, which is after a curved descent, surprisingly short for those that didn't see it coming, a few steps before, is almost a ruin.

Is it on the exact border between Pedra do Conde and the quilombolas?

Yes.

Cris confirms, she's sure about it. And she even lived there for like twelve years, she says. She gave up recently. It's not the way it was, the way she liked.

She shows where she sat to stare into an empty space.

She shows the empty place where there used to be a small table. She used the word set. She set the table. The little table stayed there, but at a specific time of the day, she set the table. She set the tablecloth, the coffee mug already with sugar, the cups. I can almost see it. The table, the coffee, the two chairs. She and her godmother. Then her godmother dies. She says a few names and looks sideways at me, afraid I might know them, afraid I might steal names that are hers alone. I say I don't know them. And I don't.

There used to be a vegetable garden and chickens. And she points out with a sweeping motion to the whole universe.

"It had everything."

She almost cries. She shows the two concrete tanks. The tanks are filled with water, with a thick pipe connecting them, so white it is rude. A new pipe. It is the only thing new and white amidst the walls stained with mold, the dirt on the cement floor, the fence of

thin and crooked sticks, lost in the middle of the undergrowth bushes, that are the same on both sides of the fence, no difference.

The pipe brings the rainwater that drains from the roof. The first rain washes the tiles, she explains. From the second rain onward, the water is diverted to the two tanks. It is the only water. There is no well. She says that once her nephews, still children, want to do what I'm doing. Visit this place.

And there, she points out, towards nowhere in particular, there was a very large hole. That was where they dug up the sandy earth to mix with the cement for building the house. That was some time ago. Before, the house was mud and straw, just like the ones in the quilombo.

"The hole was there and it was very big."

The two children like to play on the sand hole. Someone asked, when they were nearby, how much the house was worth. And they answered that it had to be worth a lot of money, because there was this hole, which was so big and good.

We laughed. It is nice to laugh. Me and her laughing, so much laughter that no one notices the tear that drops. But I keep to myself the unformed question. How much the house is worth.

I don't know if that was the farmhouse that belonged to Molly's family. It might have been. Or not. It doesn't matter to me. It doesn't matter today and it didn't matter that day. If it was not that farmhouse, it would be another, just like it. If it's not the same, it was good enough for me to imagine it was.

Because it didn't matter.

And not just because if it was not that farmhouse, it would be the same. But rather, because all that was indeed finished, and that was what I wanted to be sure of. Not that it existed, but rather, precisely, that it didn't.

We stayed a little, standing on the outside of the house nearly in ruins. We can't go in. She says she doesn't have the key. And she offers a long story about the key. I say yeah, yeah, accepting. I understand. She surely wants to defend, faced with this woman (me) from the big city, the privacy of a home without appliances, an old oven using bottled gas abandoned longtime ago, firewood being cheaper and so much easier. Just head over there, and cut.

We talked some more, standing in front of the closed house.

We talked about the pests on the Jambo tree. The Jambo tree is next to the cashew tree, which is next to the gate. The gate has been open for so long that its wood has drilled into the mud and from there it is germinating in a new stupid start.

(Like my own.)

We talked about the coffee stalks, wild ones, which we still see around those parts, even without looking for them.

We stand there. There's a sound of radio coming from the neighboring house. The original land, which was never very big, was divided and partly ceded. Hence such a close neighbor. In exchange, Cris agrees with them that she gets some chickens, some vegetables.

But the new neighbor's home is closer than she'd like. She can't sit at the table anymore, with a coffee, the chair turned towards the undergrowth. Just one chair now. She can't stay there anymore, listening to the sound of nothing. And she leaves.

She's just there to show it to me. She hasn't been there in a while.

Right after the car is parked underneath the cashew tree, there's a dog that comes to see us and then vanishes. She says she's seen it around other times, when sometimes, and it's been a while, she comes to look at the closed, empty house, the undergrowth almost erasing the gate. I think that after she says that, she regrets it. I think she notices that, by talking about the dog, she's telling too much. By talking about the dog, she's saying she

goes there all the time. That she's standing all the time, next to the gate that's growing from the ground, looking at the sand hole that is no longer there. The absent coffee table. The laughter of the nephews when they were children. The godmother.

While we're standing there, on foot, the house closed, the car parked crookedly underneath the cashew tree, the dog doesn't show up. It only reappears when we're slamming the door back shut, the engine starting its rumbling.

The house was burglarized once, she says. Someone related to one of the nearby neighbors.

He takes the gas cylinder. Uses almost all of the tank water, the theft happens during dry season.

And he takes some cloths. Tablecloths, bed sheets.

Later, the guy is arrested, for another theft. She's summoned to the police station to recognize the cloths. It is a Sunday afternoon. The thief hadn't had lunch. She goes out, buys some warm takeaway, brings it back. That's the only time the house is burglarized. After that, the guy's already out, never again.

She has a hard, marked face, and a kindness in the voice. She never got married, she answers me. Not even a boyfriend. So, during this whole day, we kept our distance. Our private lives, so different, and at the same time, so understandable for each other. But we kept our distance, our lives politely excluded from conversation, in common and tacit agreement.

I try to talk about Molly a little, but she never knew Molly. Molly was gone from there a while ago, she wasn't even born yet. She thinks she's heard about her, but she's not sure. I leave my address, email, telephone. I don't know what the legal situation of the property is.

I don't even know if this is really the house that belonged to Molly's father. But I say

that, if it is, and Cris wants to regularize it or needs to regularize something, just say the word. I'd come back. I'll sign whatever.

The driver drops Cris at her little house in the village. Nothing changes on her face. It's just the same as when we picked her up on the way to the farmhouse. Now she has my card in hand. But the face doesn't change at all. The drive to the farmhouse is not important. She doesn't let it be important.

I didn't have much to offer, much to tell. I realize then how little I know about Molly. I know Molly's father had a cow. What was left of the milk and the raw cheese made in a crumpled aluminum mold, he threw away. There was no electricity. Therefore, no refrigeration. It would go rotten in a single day, with the heat. Later, Pedra do Conde managed to get the wiring and posts to arrive at the gate. They went through the farmhouse. Molly's family starts being able to sell the remainder of the milk and the cheese.

Molly was the only one to go to school. The brothers, all men, did not study. They stayed at the crops. Molly studied until third grade.

What I'd have to tell is that one day the school bus was late. The stop where Molly got off was the same one that the children of regular employees of Pedra do Conde also used. From there to the farmhouse, there was a section of the coffee crop. The children of regular employees went one way. She went the other. Her father or a brother would always be waiting for her, on the return from school. They came back together. One from the crop, her from school. And then one day the bus was late. It broke down midway. When she arrived at the stop it was late at night. And there was no one waiting for her. So she went by herself. She crossed the coffee crop alone, clapping with her hands stretched away from her body. Snakes leave when they know there's people around. They are very peaceful creatures. They only attack when they think they're in

danger. Not like cougars. Cougars are different. But Molly thought it was best just to think about the snakes. She crossed, she got home. Everyone already at the table.

"Hi."

"Hi."

They didn't even raise their faces from the plates. Nothing out of place. Nothing extraordinary. So she didn't think there was anything extraordinary either. She washed her hands. She sat, and ate.

That's what Cris would have done.

The driver takes me back to the hotel. There's a stupidly strong sun on the already late morning. I tell him to leave me at the beach hut in front. I ask for a moqueca, amidst the flies. The moqueca takes a while. The wind in the palms, continuous, grows stronger, the music in staccato. I switch chairs to face the wind, so the hair won't hit my face, won't tickle, won't remind me I exist.

It's nice, the wind in my face. Very nice. When I open my eyes, I see the wind also works against the flies. They disappear. The moqueca is good. Not great, but good. A shame it doesn't have pepper in it. My desire is to fill it with pepper. Until it drains out through the eyes, until the eyes cry out: pepper.

Back to the hotel, I meet the rest of the group, anxiously looking for me. There's a lunch that was already scheduled. The whole group, great restaurant. I apologize. I've eaten already.

"Early, huh?"

"That's right."

I got up early, I got hungry early. An explanation. I don't always have one.

They ask if at least I'm still up for dinner. I tell them no, that I'll eat at the hotel. Tired, you know. I recommend the hotel food to them. Grilled chicken. My usual good old grilled chicken, when my crumpled sandwich runs out.

And I say to them that the next day, the last in town, I'll need the morning just to myself again.

I go to the low house that the driver pointed out when we arrived, where the local documents are. Notary's office.

I don't need to explain much to the person there.

"Oh, that was a nasty fight, a bloody one."

Pedra do Conde was divided further yet, between legitimate heirs and those who appeared over time.

"Once in a while another one shows up."

He laughs.

The guy, the owner, died in a silly way, in a bar fight. He offended a quilombola. He called him a dirty negro without even being provoked.

He would have hated Pedro. Gay. Me, I don't think he'd have the opportunity to hate. I wouldn't give him that chance.

As for DNA, I won't pose as a magnanimous person. At Molly's time it didn't even exist. At the time of this trip, it did. Molly was very afraid of this. Very afraid that I'd want it. I didn't. Exhumation of dead bodies, lawyers, me fighting for a life that wasn't mine. I didn't want to. I never did. Me, and the legal recognition, the guy recognized as my father.

"Hi, daddy."

No, not at all.

I went back, the trip was over. I never told this to anyone. For a while I still waited for Cris to get in touch. I would have liked to talk to her again, I liked her so much. I thought I'd like to drink coffee with a lot of sugar next to her, both chairs turned towards the same direction, four eyes staring into the distance, looking at nothing, anywhere, in any city.

Talking to Molly, a little after this trip, her eyes examined me, furtively, saying hello, how are you, in a questioning way. It would be the hello, how are you of every trip, if not for those eyes. I answered with the usual everything's fine. And I got the feeling, that sometimes she gave off, that she knew where I had been. And that it was a relief to hear my everything's fine. She didn't want to listen, she never did. But she knew.

(*) heirs of fugitive slaves that remained on the land.

Elvira Vigna (1947) vive no Rio de Janeiro. Foi jornalista, editora, tradutora, artista plástica, ilustradora. Tem mestrado em Comunicação, na área de Teoria da Significação. É autora de vários romances, entre eles, *O que deu para fazer em matéria de história de amor* (2012), *Nada a dizer* (2010), *Deixei ele lá e vim* (2006) e *Coisas que os homens não entendem* (2002). Também publicou ficção para crianças e artigos de crítica. O texto que publicamos fará parte de seu nome romance, intitulado *Por escrito*.